

Agsneide Simone da Simone<sup>1</sup>  
Francinele Brasil Rocha<sup>2</sup>  
Maria Giovanni Oliveira Rosado<sup>3</sup>  
Meiry Lúcia Meneses de Sousa Oliveira<sup>4</sup>  
Milianny Márcia Meneses de Souza<sup>5</sup>

## INTRODUÇÃO

Diante dos desafios diários aos quais, o trabalho docente requer cada vez mais inovação em metodologias e formas de conduzir à criança com deficiências por meio de situações, construir seus aprendizados e desenvolver suas habilidades, compreendendo sempre, as limitações advindas de suas especificidades diagnosticadas em laudo médico.

Objetivo desse trabalho é mostrar que as crianças com Espectro Autista podem e devem se adaptar ao meio social e comunicativo, promovendo a busca pela sociabilidade e independência a partir de uma proposta de trabalho específica que, sugere algumas ações práticas na convivência diária evoluindo todos em sua volta com o intuito de promover situações de aprendizagens. E ainda contribuir para o meio acadêmico de um modo geral, aqueles que, interessam-se pelo trabalho que envolve inclusão escolar.

A definição do Autismo teve início na primeira descrição dada por Leo Kanner, no artigo intitulado: Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo (Autistic disturbances of affective contact), na revista *Nervous Children*, número 2 (Kanner, 1943, p. 217-250.) ressalta que o sintoma fundamental, “o isolamento autístico”, estava presente na criança desde o início da vida sugerindo que se tratava então de um distúrbio inato. Nela, descreveu os casos de onze crianças que tinham em comum um isolamento extremo desde o início da vida e um anseio obsessivo pela preservação da rotina, denominando-as de "autistas". Na décima revisão da Classificação Internacional de Doenças – CID 10 o autismo é considerado um transtorno do desenvolvimento, assim se apresenta e caracterizam-se de acordo com Tamanaha, Perissinoto e Chiari:

[...] os Transtornos Globais do Desenvolvimento foram classificados como um grupo de alterações, caracterizadas por alterações qualitativas da interação social e modalidades de comunicação, e por um repertório de interesses e atividades restrito e estereotipado. Essas anomalias qualitativas constituem uma característica global do funcionamento do indivíduo. (TAMANAHA, PERISSINOTO E CHIARI, 2008, p.4):

Dessa forma, buscar aprendizados para lhe dá com os desafios não só do aluno, mas principalmente da prática docente ao mediar o conhecimento de maneira satisfatória para ambos, é de fundamental importância, uma vez que, o processo de ensino/aprendizagem

<sup>1</sup> Professora dos anos iniciais do ensino fundamental na rede municipal de ensino em Mossoró – RN, agssimone@hotmail.com;

<sup>2</sup> Professora nos anos iniciais do ensino fundamental na rede municipal de ensino em Mossoró – RN, francinerocha@hotmail.com;

<sup>3</sup> Professora dos anos iniciais do ensino fundamental na rede municipal de ensino em Mossoró – RN, m\_giovanni39@msn.com;

<sup>4</sup> Professora dos anos iniciais do ensino fundamental na rede municipal de ensino em Mossoró – RN, oliveirameiry Lucia@yahoo.com.br;

<sup>5</sup> Professora dos anos iniciais do ensino fundamental na rede municipal de ensino em Mossoró – RN, ynaillimsouza@gmail.com;

caminha juntos diante do desenvolvimento de qualquer indivíduo, possua ele o Espectro Autista ou não.

## METODOLOGIA

Buscou-se definir metodologias que nos permitisse conhecer ao máximo a criança com a qual iríamos trabalhar, intervindo por meio do projeto e assim proporcionar situações específicas que atendessem ao nosso objetivo com aluno alvo. Realizamos estudos bibliográficos, de diagnósticos e documentos, para assim embasar nosso trabalho, discutimos o processo de construção dos mecanismos para atuar em sala de aula e estabelecemos os quesitos: **1. Traçar perfil da criança, 2. Construir uma rotina, 3. Atividades propostas, 4. Cantinho para se acalmar, 5. Atividades extras preparadas.** Para conduzir nosso trabalho.

A reflexão sobre a prática não resolve tudo, a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma sólida cultura geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar (LIBÂNEO, 2005, p. 76)

O fato é que não há como separar o desenvolvimento cognitivo do afetivo e sua essência biológica, sendo assim, independente da visão diagnóstica que se tenha a respeito do autismo, é de fundamental importância que sejamos claros na forma de abordagem educativa à essas crianças, levando em consideração os métodos de intervenção a serem utilizados como afirmam Baptista e Bosa:

[...] A conclusão que emerge dessa reflexão é que existe um comprometimento precoce que afeta o desenvolvimento como um processo e, conseqüentemente, a personalidade (por meio da interação entre o self e as experiências como o ambiente, que possibilita o desenvolvimento das noções de si, do outro e do mundo ao seu redor), seja a síndrome do autismo classificada como psicose ou como transtorno do desenvolvimento. Na verdade, existe a falta de um modelo teórico suficientemente abrangente para dar conta das diferenças entre duas formas de classificação. [...] O que vale a pena ressaltar é que seja qual for o sistema de classificação ou a abordagem teórica adotada, a noção de que crianças com autismo apresentam déficits no relacionamento interpessoal, na linguagem / comunicação, na capacidade simbólica e, ainda, comportamento estereotipado (atentando-se para as diferenças individuais), não tem sido desafiada. (BAPTISTA E BOSA, 2002, p.30):

O trabalho com projetos não se trata da utilização de um recurso técnico para transmitir aos alunos o conteúdo das matérias, mas sim, significa repensar a escola, seus tempos, seu espaço, sua forma de lidar com conteúdo das áreas e com o mundo da informação; significa pensar na aprendizagem como um processo complexo e global, transformando a escola em espaço significativo de aprendizagem para todos que dela fazem parte, sem perder de vista a realidade cultural específica de seus alunos.

Neste método a programação individual de cada aluno é uma das ferramentas essenciais, pois possibilita o entendimento do que está ocorrendo, propicia confiança e segurança. As dificuldades de generalização indicam a necessidade de rotina clara e previsível. Indica visualmente ao estudante quais tarefas serão realizadas, além de instrumento de apoio para ensinar o que vem antes, o que acontece depois, proporcionando o planejamento de ações e seu encadeamento numa sequência de trabalhos. (GOMES E SILVA, 2007, p.3)

## **1. Traçar perfil da criança**

Ao realizar estudo dos diagnósticos médico e dos profissionais de educação que estiveram com o aluno nos anos anteriores, uma vez que, o mesmo está na instituição de ensino desde o primeiro ano do ciclo da infância, facilitou traçar esse perfil, a partir dessas análises e também, através de observações, conversas formais e informais com a mãe do aluno, bem como com, seus auxiliares de sala e colegas de turma com quem a criança estabeleceu algum tipo de relação no espaço escolar e fora dele, facilitou no processo de conhecimento e de condução para proceder nos passos seguintes.

Embora não existam características que por si só constituam o transtorno autista pode se observar algumas peculiaridades fenotípicas ( características observáveis, aparentes, de um indivíduo ), mas que só se manifestam após a puberdade nesse conjunto de características, podemos encontrar face longa e estreita, aumento do volume dos testículos, hipotonia muscular, frouxidão articular, retardo na aquisição da fala, hiperatividade, alterações esqueléticas, cardiovasculares e fonoarticulatórias. (CURY.2013. p.23)

## **2. Construir uma rotina**

Refletimos que, a partir da análise realizada nos estudos do grupo sobre a criança, era fundamental estabelecer uma rotina no cotidiano do aluno, que fosse, flexível, clara, objetiva, e permitisse a introdução de algo novo e diferente já que, como característica do Espectro Autista, a resistência à coisas novas é bastante forte, principalmente no que diz respeito a horários e socialização.

## **3. Atividades propostas**

As atividades pensadas para esse aluno é de propor a estipulação de horários, para as tarefas e construir com ele a inserção de hábitos novos e diferenciados. As tarefas serão realizadas com tempo e proporção adequados ao aluno, e sempre explicadas de maneira objetiva e clara, com no máximo a realização de duas por dia, quando o aluno demonstrar disponibilidade para fazer. Com o intuito de propor o maior número de situações de aprendizagens para o aluno, é fundamental a disponibilidade de ferramentas diversificadas que com flexibilidade possa ser trocada e/ou modificada a partir do que o aluno apresentar durante a aula.

- Escrita do alfabeto;
- Pinturas a dedo e com pincéis;
- Formando sílabas;
- Caixa mágica;
- Atividades diárias de leitura e escrita, com e sem imagens;
- Construindo objetos a partir da reutilização e reciclagem de matérias;
- Caderno interativo de Geografia;

## **4. Cantinho para se acalmar**

Em alguns momentos a criança pode ficar agitada e é necessário que esse lugar proporcione a possibilidade de tranquilizá-la. No cotidiano da sala de aula no ciclo da

infância, por tratar-se de uma fase com bastante agitação, curiosidades, barulho, etc. Que, deixa o autista nervoso e com bastante dificuldade de autocontrole, assim, no sentido de resguardar a estabilidade emocional e física dele e dos que estão em sua volta, o cantinho para se acalmar, vem como quesito necessário para garantir a integridade em todos os aspectos e de todos na instituição.

### **5. Atividades extras preparadas**

Com o intuito de propor o maior número de situações de aprendizagens para o aluno, é fundamental a disponibilidade de ferramentas diversificadas que com flexibilidade possa ser substituída e/ou modificada a partir do que o aluno apresentar durante a aula.

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados deste projeto, trouxe muito mais que o esperado em aprendizagens para nós e desenvolvimento do aluno, principalmente com relação as linguagens oral e escrita, nas quais o aluno desenvolveu significativamente a fala, isso durante as interações decorrentes dos diálogos e atividades propostas com esse objetivo. É através de estudos, praticas e pesquisas que surgem novos métodos de intervenção, de aprendizagem que atendem as crianças autistas com uma educação que respeite e considere suas limitações. Sabemos que essas intervenções não solucionam os déficits, mas vem para somar com todos os trabalhos já desenvolvidos nesta área, visando à melhora da qualidade de vida dessas crianças.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desenvolver trabalhos com autistas é recusar uma só forma de ver o mundo, principalmente aquela que nos foi mostrada desde a infância, que estamos acostumados rotineiramente. É pensar de várias maneiras a compreensão da vida e seus limites, se assim houver, não perdendo a ética e compromisso de educadores que somos, mas quebrando paradigmas pré-estabelecidos pela sociedade em todos os seguimentos, passando a ver o outro com tamanha capacidade empática, que o conduza à mudanças de hábitos não só da criança com o Espectro Autista, mas principalmente dos que estão em seu entorno.

**Palavras-chave:** Projeto individualizado. Inclusão. Criança. Espectro Autista. Atuação docente. Escola pública.

### **REFERÊNCIAS**

BAPTISTA, Cláudio Roberto; BOSA Cleonice; e colaboradores. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre, Artmed, 2002.

BOSA, Cleonice; CALLIAS, Maria. **Autismo: breve revisão de diferentes abordagens**. Psicol. Reflex. Crit. V. 13 n. 1 Porto Alegre, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722000000100017&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010279722000000100017&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 09/11/2008.

CURY. Augusta. Maria – **A maior educadora do mundo**. EDUSP. São Paulo. 2003; pág. 25

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup>

GASPARIN, J. L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 3 ed. Campinas:

Autores Associados, 2005.

GOMES, Alice Neves, SILVA, Claudete Barbosa da. **Software Educativo para Crianças Autistas de Nível Severo**. In: 4º Congresso Internacional de Pesquisas em Design, 2007, Rio de Janeiro. Disponível em: < [www.anpedesign.org.br/artigos](http://www.anpedesign.org.br/artigos)> acesso em: 22 de dezembro de 2008.

<https://pedagogiaaopedaleta.com/monografia-autismo-educacao-infantil/>

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462006000500002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462006000500002)

KANNER, Leo. "Autistic disturbances of affective contact", na revista Nervous Children, número 2, páginas 217-250. 1943.

LIBÂNEO, J.C. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. São Paulo: Cortez, 2005.

TAMANHAHA, Ana Carina; Perissinoto, Jacy; Chiari, Brasília Maria. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. Rev. soc. bras. fonoaudiol. V.13 n.3 São Paulo 2008. Disponível em:

<[www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v13n3/a15v13n3.pdf)>. Acesso em: 09/11/2008.